

E SE LHE DESSEMOS “UMA MALHA”?...

24-Mai-2009

Prossegue hoje o julgamento de Fernando Ruas acusado pelo Ministério Público do crime de incitação à violência. Nesta segunda sessão do julgamento será ouvido o registo áudio da sessão da Assembleia Municipal de 26.06.2006, onde Fernando Ruas instigou reiteradamente os presidentes de Junta a “correrem a pedrada” com os vigilantes da natureza do Ministério do Ambiente, na sequência da queixa do autarca de uma freguesia rural autuado por aqueles fiscais por ter colocado umas manilhas sem autorização.

Em boa verdade aquela não foi a primeira vez que Fernando Ruas instigara os presidentes de Junta a correrem com os fiscais do ambiente. Eu próprio, num debate durante a última campanha autárquica, o acusei disso mesmo, cara a cara, baseado no testemunho público, não desmentido, de um deputado municipal da oposição. A grande diferença é que desta vez as palavras de Ruas foram captadas pela reportagem da Rádio Noar. E o que os ouvintes desta rádio ouviram não deixa margem para interpretações dúbias: “Corram-nos a pedrada! A sério. Estou a medir muito bem aquilo que digo. Arranjem lá um grupo e corram-nos a pedrada!”.

Na primeira sessão do julgamento, no passado dia 14, Ruas reafirmou que tinha falado em sentido figurado. Mas garantiu que se fosse hoje, teria utilizado outra expressão; por exemplo, “dêem-lhes uma malha”. E tentou justificar este brilhante lance defensivo com a “boutade” do ministro Santos Silva quando disse que gostava de “malhar na oposição”. Claro que “malhar na oposição”, em abstracto, só pode ser entendido em sentido figurado. “Malhar” tanto pode significar “bater” como “dizer mal, censurar”. Mas “dêr uma malha” a alguém em particular já é diferente (a expressão “dêr uma malha” significa “dêr uma sova, ou tarefa”), embora não seja tão concreto como “correr a pedrada”. Que pensaria Ruas se me ouvisse desafiar os viseenses a darem-lhe uma malha? Claro que o título desta crónica é uma provocação em sentido figurado: estou apenas a incitar os leitores a não votarem em Fernando Ruas, dando-lhe assim uma “malha” eleitoral.

“Correr a pedrada” é uma expressão que não tem nada de alegórica, ainda por cima quando se tem o cuidado de aconselhar fazê-lo em grupo. A prova é que depois de Ruas a ter proferido, os vigilantes da natureza (segundo o testemunho de Rui Nobre ao jornal Público) defrontaram-se com situações de violência em Mortágua, Santa Comba Dão e Viseu, tendo que recorrer, por vezes, ao apoio da GNR para cumprir a sua missão de salvaguarda do ambiente. Estranhamente, estes funcionários não foram ainda chamados a depor. Ainda assim, um presidente de Junta, no seu depoimento como testemunha, terá dito que entendeu as palavras do presidente da Câmara Municipal, como um convite para dialogarem com os fiscais. O que levou o juiz a observar que a língua portuguesa, além de traiçoeira, ainda tem a particularidade de ter palavras que significam uma coisa e o seu contrário. Aliás, tal esquizofrenia linguística parece ter alastrado por alguns louvaminheiros, como aquele jornal que colocou na primeira página, em grandes parangonas ao lado da foto do presidente da Câmara: “Autarcas do PS defendem Ruas”, o que já mereceu o desmentido de Ribeiro de Carvalho, o deputado do PS que protestou atempadamente contra o excesso de linguagem de Ruas, e de quem o tal jornal disse ter “confessado” que tais excessos são habituais nas discussões mais acaloradas da Assembleia Municipal. Naturalmente, não se tratou de uma “confissão”, mas de uma acusação a Ruas, useiro e vezeiro nas agressões verbais, como naquela vez que disse “deputada do Bloco de Esquerda que cese fosse um homem, responder-lhe-ia de outra forma”.

O autarca de Silgueiros, Ant3nio Coelho, versado em lingu3stica, disse no tribunal que Ruas, na referida reuni3o da Assembleia Municipal, utilizou 11 vezes a ironia e 18 frases feitas ou prov3rbios. Est3 agora explicado por que raz3o uma Universidade Polaca distinguiu Ruas pelo contributo para a dinamiza3o da L3ngua Portuguesa: pela ex3mia arte de transformar figuras de estilo em 3figuras de estalo3, ou vice-versa.

S3 falta perceber bem o motivo que presidiu 3 escolha de Fernando Ruas para a atribui3o de uma medalha de ouro (ou 3medaille d3or3 como escreveu um jornal local) por parte da Soci3t3 Acad3mique des Arts, Sciences et Lettres, com sede em Paris. Para al3m de Fernando Ruas ter confessado a sua perplexidade inicial, n3o vislumbrando motivos para tal honra, lemos num jornal que esta se deveu ao 3reconhecimento da promo3o cultural que as autarquias portuguesas t3m feito3, mas num outro j3 era atribui3a ao 3reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo autarca em prol do refor3o do poder local3. Em que 3 que ficamos?...

Outra informa3o errada num jornal local dizia que Ruas foi o primeiro portugu3s a receber a medalha de ouro, quando, na verdade, foi acompanhado por Jos3 Eduardo Moniz e Zita Seabra. S3 esta selec3o j3 diz muito sobre os crit3rios desta sociedade acad3mica.

E se, para al3m de lhe darmos uma malha (em sentido figurado, repito; uma malha democr3tica no dia das elei3es), lhe d3ssemos outra medalha: a 3Gr3 Cruz da Ordem de Torre e Pedrada3?

3 3 3

Carlos Vieira e Castro

3 3 3